

AMOSTRA GRATUITA - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À LEEVRO EDITORA.

ENTRE LINHAS

POEIRA E SANGUE

IGOR RAMALHO

LEEVRO

O primeiro livro de
crônicas do @csiparaibano.



LEEVRO

LEEVRO.COM.BR/ENTRELINHAS

Curupira

“**E**sse telefone é da PM? Aqui quem tá falando é Ari, eu sou primo de Juca, o cara que tava sumido. A gente acabou de achar o corpo dele enterrado na mata da beira do rio.”

No dia anterior, umas 6h, Juca sai para pescar num rio perto de casa. Com peixe ou sem peixe, ele sempre retornava para o almoço pois, à tarde, era vigilante numa usina. Ele não volta, e a família começa a estranhar. O celular de Juca só dá desligado, não adianta, param até de insistir. Com o passar das horas, o desespero toma corpo e familiares e amigos se juntam para procurá-lo. Anotecendo, eles se dividem em equipes, levando cachorros e lanternas, e entram na mata que margeia o rio. Já raiava um novo sol quando chega a notícia: um cachorro achou a cova rasa a 300 metros da casa mais próxima, terra toda revolvida por cima, ocultada por galhos e folhas secas. Estava numa trilha de caçadores. O dorso da mão esquerda está para fora da terra, justamente o que o cachorro cheirou antes de começar a

latir. A aliança de casamento serve ao reconhecimento feito pela esposa, que chora: “É Juca, sim. Eu não queria que fosse, mas é Juca, sim.”

“Vamos ter que desenterrar”, eu digo ao chegarmos, após uma boa caminhada pela mata. “A cova é rasa, tanto que a mão dele está aparecendo. Esperar os bombeiros nesse meio de mundo vai demorar demais...” É quase meio-dia, estou morto de fome, e não cogito ficar muito tempo ali servindo de lanche aos mosquitos. Chamo uns curiosos e lhes peço enxadas e pás. Três saem e logo voltam com as ferramentas, e eu os elejo ajudantes da perícia.

Distribuo luvas e máscaras, a exumação começa. O rapaz mais afoito vai direto à mão esquerda do cadáver, a que está para fora, e a puxa, tentando com isso nos poupar do trabalho de cavar e, num só ato, trazer à tona o cadáver. Não consegue, porém. A mão estava solta, decepada por golpe de facão, e somente ela sai da cova com o puxavante. Ele se apavora, o sangue lhe foge da cara: “E agora? Eu faço o que com isso?”, pergunta, sustentando com nojo a mão decepada pela pontinha do indicador. “Coloque no mesmo canto onde estava”, eu digo. Ele me atende, se acocora e põe no chão aquela mão pálida, parecida com plástico. Após isso, devagarinho, vai se afastando andando de costas. Um minuto depois e não o vejo mais, ele some na mata.

A exumação não flui, não consigo comandar os ajudantes, cada um cava do seu jeito. Suado, com mais fome ainda, estou perdendo a paciência. Eis que, do nada, dos arbustos surge um homem atarracado, de tronco forte, cabelos e barba cheios e grisalhos, com a camiseta pousada no ombro e todo melado de lama. “Isso aí enterrado é um defunto?”, ele pergunta. “É o defunto do rapaz que tava sumido. Juca, o pescador.” “Pois vocês estão fazendo errado”, ele sentencia, e

imediatamente começa as ordens. Em 10 minutos, seguindo a valiosa dica de abrir um fosso paralelo ao cadáver – para o qual o empurramos –, concluímos. Juca, além de tiros no peito e rosto, está não só com as mãos, mas também com os pés arrancados por ação de arma branca. “Não quero que a família nos ouça”, digo baixinho ao delegado ao ver reações vitais nos punhos e tornozelos, “mas quando arrancaram as mãos e os pés dele com facão ele ainda tava vivo.”

Agradeço aos ajudantes, um a um. Olho ao redor e procuro o homem melado de lama que saiu dos arbustos e foi decisivo na missão, mas não o encontro. Sumiu, tal qual o rapaz que puxou da cova a mão do cadáver. “Cadê o homem da barba grisalha, o que apareceu no fim?” “Ele já foi”, responde um PM, “é Curupira.” Só sendo uma entidade folclórica mesmo: do nada surge, do nada some. “Ele é conhecido aqui na região, mora pelos matos. Tem tempo que a gente pensa que ele morreu, passa meses sem aparecer. Aí, do nada, ele aparece.” Dou um conselho: “Pois ligue pra o Exército, estão perdendo esse homem. Curupira precisa urgente ir pra barragem de Brumadinho, ajudar nas escavações.”